

Frágeis travessias: Marcus Vinicius e um corpo que se quer outro

*Fragile crossings: Marcus Vinicius and
a body that wants to be other*

RAPHAEL DE ANDRADE COUTO*

Artigo completo submetido a 26 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro de 2014

*Brasil, artista visual. Licenciatura em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ); Mestrando no Programa de Pós Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (PPGCA/UFF).

AFILIAÇÃO: Colégio Pedro II; Departamento de Desenho e Artes Visuais. Campo de São Cristóvão, 177 — São Cristóvão — Rio de Janeiro — RJ, CEP: 20921-903, Brasil. E-mail: raphaelandradecouto@yahoo.com.br

Resumo: O texto desenvolve um breve olhar no trabalho do artista capixaba Marcus Vinicius (1985-2012), relacionando corpo e paisagem. Não apenas um corpo inserido em contextos paisagísticos, mas que reconfigura tempos e relações espaciais, no urbano e em espaços de natureza. Confrontando com os verbetes de Georges Bataille sobre informe e metamorfose, traça uma pequena reflexão sobre performance, arte e vida.

Palavras chave: arte contemporânea / performance / Georges Bataille / arte e vida / metamorfose.

Abstract: *The text develops a brief look at the work of the Brazilian artist Marcus Vinicius (1985-2012), relating body and landscape. Not just a body set within landscaped settings, but one that reconfigures times and spatial relations in urban spaces and nature. In comparison with the entries of Georges Bataille about formless and metamorphosis, draws a small reflection on performance, art and life.*

Keywords: *contemporary art / performance / Georges Bataille / art and life / metamorphosis.*



Figura 1 · Marcus Vinícius: *Escalera*.
Registro de performance, 2008, realizada
em Córdoba, Argentina.

1.

Uma escada num quintal qualquer. Ele a sobe lentamente, atravessa para o outro lado, desce. Volta a subir pelo mesmo lado que agora se encontra, e repete a ação algumas vezes, durante cerca de sete minutos. Marcus Vinícius para sempre que alcança o topo da escada: parece olhar para o céu, parece contemplar as árvores ali próximas. Uma travessia para alcançar o mais delicado.

Penso nessa travessia de Marcus Vinícius como uma travessia intensa de sua obra: um ir e vir constante, subir e descer, almejar espaços, ser espaços. Ao encontrar esse topo não se encontra o ápice ou o clímax, mas apenas mais uma parte do caminho que o aproxima de outros lugares, que o permite outras percepções do espaço, únicas ao artista. Nós, ao vermos o simples registro dessa “Escalera” (Figura 1) observamos o observador.

Talvez aí resida um entendimento interessante de performance: o artista possui uma percepção ímpar de sua ação, diferente da do público, que contempla a performance de uma perspectiva exterior. O artista, inserido na ação e observador único desse processo, é um público diferenciado, posto a riscos e a reflexões únicas do fazer artístico.

Olhar único, a contemplação solitária assume riscos desse corpo: não apenas o risco de cair da escada mas de que esses diferentes ângulos — da altura, da escada, desse ir e vir de artista tragam outras sensibilidades, outras fragilidades.

O artista aqui encontra-se não apenas como um realizador da ação, mas como observador e também como *paisagem*. Ao ser observado, ao aproximar-se

de detalhes das árvores, de subir o muro e de deslocar nossos olhares, apresenta um querer vir a ser mais que um corpo, mas ambiente.

Penso aqui na proposição de Georges Bataille sobre *Metamorfose*, como uma “necessidade violenta” de livrar-se da prisão e do que foi perdido: “a inocente crueldade, a monstrosidade opaca dos olhos, a dor distinta das pequenas bolhas que se formam na superfície da lama, o horror que se liga à vida como uma árvore à luz”. (Bataille, 1968: 184)

Ao subir as escadas, caminhar sem um objetivo definido mas apenas um caminhar por si só, ligar-se ao espaço, me faz pensar nessa *necessidade violenta* de ser algo além da “burocracia, dos documentos de identidade, (de) uma existência doméstica rancorosa”. (Idem) O performer traz um olhar e um desejo de pulsar outro ritmo, de trazer o homem à sua crueza e natureza próprias, de ser parte de um ambiente. Não apenas uma natureza selvagem, como vocifera Bataille, de retornar aos seus desejos animais, mas de uma natureza do homem inserido em um contexto contemplativo, disfuncional, sem classificações.

No clássico texto “Body Art and Performance” Lea Vergine defende as questões de uma arte de ação do ano 1970, sobretudo, não apenas voltada para um pós-pintura de ação, mas para uma crueza e natureza do homem:

Homo não é sequer Faber ou Ludens ou Sapiens. *Ele é simplesmente um homem sem o mito, sem moral, apologia ou alegoria; ele é apenas um homem cheio de medos de uma banalidade ininterrupta, cheio de condenáveis afeições e desafeições. Ele vive com seus atos de piedade e obscenidade, com seus intestinos vermelhos e impuros, com seu gosto para a decadência e a expiação.* (Vergine, 2000: 16)

Esse homem natural, contemplativo, sem mitos e mistérios, mas com sua natureza animal presente em diálogo com o mundo (natureza e cultura) me faz pensar no que Marcus Vinicius traz como uma proposta de *metamorfose*, pois ao tornar-se paisagem e objeto, este não se tornaria mais humano ainda? O desejo metamórfico aqui não é mimético, embora se possa pensar nesse *mimetismo* no sentido dado por Roger Calliois, de luxo e não de necessidade. Assim como no reino animal muitas vezes a borboleta que se camufla em folhas é entendida inicialmente como uma defesa, corre o risco de ser devorada por um animal (de outra ou mesma espécie) que ataca a folha e não a borboleta, um entendimento de *metamorfose* aqui não passaria por esse *desejo luxuoso*, de tornar-se algo não por necessidade, mas como *tarifa*, como um corpo que se quer outro?



Figura 2 · Marcus Vinícius: *Ciervo*.
Fotografia (2011).

2.

The artist is Warrior: tarefa do artista metamórfico, a batalha de se repensar e repensar os espaços está na pauta da poética de Marcus Vinícius: como na linguagem original da performance, parte de uma ação ritualística, mas num ritual por si mesmo: altera sua natureza do corpo com máscaras, tintas, objetos, que não apenas propõem novas marcas e cicatrizes como também trazem textos significativos. O texto tatuado na pele já coloca as performances num ambiente de luta: o artista que deseja uma batalha poética, de abrir as portas para que os desejos, instintos e a crueza humana se posicionem (Figura 2).

Essa *tarefa batalha* do artista guerreiro me faz pensar no verbete de Bataille sobre o *informe*, não como ausência de forma mas como uma forma que torna-se outra coisa, que “rebaixa a exigência que cada coisa tenha sua forma” (Bataille, 1968: 178), enfrentando a necessidade da filosofia de classificar tudo assim como a ciência. “Pelo contrário afirma que o universo não se assemelha a nada e que o *informe* volta a dizer que o universo é qualquer coisa como uma aranha ou um escarro.” (idem)

Corpo aqui então é pensado como *verbeta*: como texto, como espaço de desejo, potência. Ser *qualquer coisa* como uma tarefa, um trabalho, uma necessidade. Metamorfosear-se, mimetizar-se, contemplar o mundo de outras formas. Guerreiro do corpo que se quer outro, Marcus Vinícius expõe o corpo como uma questão de crueza, de um *estar de fato no mundo*.

E, na pele marcada, tatuada, suja com os rastros, materiais e exposições que o artista se coloca na guerra:

A pele recebe o depósito das lembranças, estoque de nossas experiências ali impressas, banco de nossas impressões, geodésicas de nossas fragilidades. Não procurem fora, nem dentro da memória: a pele é toda gravada, tanto quanto a superfície do cérebro, toda escrita também, talvez da mesma maneira. (Serres, 2001: 71)

A guerra do artista no mundo é expor as fragilidades.

Ao percorrer as ruas de Ipanema, no Rio de Janeiro, com o corpo recoberto por uma faixa adesiva escrita *Frágil* (Figura 3) o artista capixaba expõe sua máxima colocação no mundo. Contempla nos pequenos espaços dado aos olhos na *embalagem* enquanto é visto pelos transeuntes. Sua presença contrasta fortemente com a famosa paisagem, e, ao contrário de *Escalera*, propõe um conflito com o lugar: desvia os olhares pra seu grito mudo de corpo-artista, sua intervenção não aponta para a paisagem, mas alerta para uma percepção de corpos diferenciados no espaço.



Figura 3 · Marcus Vinícius: *Frágil III*. Performance realizada no bairro de Ipanema, Rio de Janeiro, 2011.

A batalha do artista guerreiro também é política. A dor da pele marcada pelo excesso de adesivos, o texto que grita em vermelho para um corpo que se revela frágil, ao contrário dos esconderijos e armaduras que muitas vezes nos impomos nos rótulos de *Faber Ludens* ou *Sapiens*. Mas carrega nessa crueza uma palavra, que, como coloca Paul Zumthor, não tem uma digestão fácil:

Para ir ao sentido de um discurso, sentido cuja intenção suponho naquele que me fala, era preciso atravessar as palavras; mas que as palavras resistem, elas têm uma espessura, sua existência densa exige, para que elas sejam compreendidas, uma intervenção corporal, sob a forma de uma operação vocal: seja aquela da voz percebida, pronunciada e ouvida ou de uma voz inaudível, de uma articulação interiorizada. (Zumthor, 2007: 76-77)

A palavra aqui, marcada no corpo (seja como adesivo ou tatuagem) cria essa tensão entre densidade e travessia: há aqui um grito mudo, vermelho, que se desloca num espaço de corpos saudáveis como é a praia, que desvia e enfrenta os padrões expondo suas próprias fraquezas. Mas não é um grito de socorro: ao contrário, o grito mudo de Marcus é um grito pra cada interior, de atentar-se, assim como em *Escalera*, para um espaço de si e do mundo, de se colocar e retirar

máscaras, de dialogar conscientemente com o corpo e os espaços. Uma luta de poder ser uma aranha e um escarro.

3.

O artista guerreiro se tornou mártir. Morto em 2012, aos 27 anos, após uma performance realizada na Mongólia, ainda em situações não-esclarecidas totalmente, deixou questões dessa arte como batalha. A metáfora militar do artista se enquadra nessa batalha de uma vida curta e intensa: como qualquer outro artista de performance, arte e vida se aproximaram de modo intenso, a ponto de interrompê-la precocemente.

Marcus Vinícius apresenta um legado de um corpo aberto, e sua natureza, incorporando elementos não como classificação mas como ressignificação desse corpo. Se aproxima de uma performance mais histórica por essa brutalidade e simplicidade. Esse corpo primitivo, primário, primeiro, que se camufla e se destaca — metamorfose livre, que transita entre formas gerando a dificuldade de se classificar esse espaço de marcas, textos e significados.

Referências:

Bataille, Georges (1968) *Documents*. Paris: Mercure de France.
 Serres, Michel. (2001). *Os Cinco Sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
 Vergine, Lea. (2000) *Body Art and Performance*. Milão: Skira Editora,
 Vinícius, Marcus (2008) *Escalera*. Video.

Disponível em <http://migre.me/hBgCk>
 Vinícius, Marcus. (2011a) *Bicho do mato*.
 Disponível em <http://migre.me/hBgA6>
 Vinícius, Marcus (2011b) *Frágil*, Disponível em
<http://migre.me/hBgIn>
 Zumthor, Paul. (2007) *Performance, Recepção, Leitura*. São Paulo: Cosac Naify.